

Maria Irene Ramalho
Uma Cintilante Caligrafia

Fernando Pessoa e Outros Fingidores é uma colectânea que reúne vários ensaios de Maria Irene Ramalho (MIR) publicados entre 1983 e 2021, o último deles, com o título “O Grande Livro”, agora em primeira publicação. O que imediatamente me chamou a atenção nesta obra foi o modo como, desde a “Introdução”, não só se vai explicitando a forma como os textos de crítica e teoria literárias, que se incluem no volume, foram surgindo, como se começa a apresentar o que chamarei “uma crítica da crítica”.

A autora vai dialogando com os seus próprios textos, falando, por exemplo, das suas influências no momento da escrita original e, em simultâneo, tecendo comentários de ordem variada sobre aquilo que escreveu, agora a partir das outras múltiplas leituras que se foram sucedendo, para reflectir e problematizar o seu próprio pensamento. Talvez não seja por acaso que o primeiro ensaio se debruce sobre o conceito de “interrupção poética”, que Maria Irene Ramalho desenvolve a partir de Coleridge e do seu pretendente fragmentário poema “Kubla Khan”, que o poeta inglês dizia nunca ter conseguido terminar por ter sido “interrompido” por um homem de Porlock. Cito as palavras de Fernando Pessoa usadas pela autora, que se aplicam aos poetas (e a Pessoa, sem dúvida, como ela comprovará), mas que também não deixam de ser um comentário ao seu próprio trabalho de especialista de crítica e teoria literárias: “E a todos nós, ainda que ninguém nos visite, chega-nos, de dentro, “o Homem de Porlock”, o interruptor imprevisto. Tudo quanto verdadeiramente pensamos ou sentimos, tudo quanto verdadeiramente somos, sofre (quando o vamos exprimir, ainda que só para nós mesmos) a interrupção fatal daquele visitante que também somos, daquela pessoa externa que cada um de nós tem em si, mais real na vida do que nós próprios — a soma viva do que aprendemos, do que julgamos que somos, e do que desejamos ser.

Esse visitante — perenemente incógnito porque, *sendo nós*, não é “alguém”; esse interruptor — perenemente anónimo, porque, *sendo vivo*, é impessoal — todos nós o temos que receber (...) E o que de todos nós, artistas grandes ou pequenos, verdadeiramente sobrevive — são fragmentos do que não sabemos que seja; mas que seria, se houvesse sido, a mesma expressão da nossa alma” (23-4).

Penso que toda a arquitectura desta colectânea — também ela entre o longiniano e o aristotélico, tal como a autora entende a obra do próprio Pessoa — assenta exactamente neste pressuposto pessoano que venho de ler: na “interrupção fatal daquele visitante que também somos” e nos “fragmentos do que não sabemos que seja”. Trata-se de ensaios que permanentemente recusam uma visão totalizada ou totalizadora do poema ou do poeta, mas que também recusam uma visão totalizada ou totalizadora da especialista de estudos literários na leitura dos poemas, mas também da sua própria escrita e do seu próprio pensamento. São ensaios que permanentemente interrogam — se *interrompem* para interrogar e para se interrogar a si próprios — não só os textos de outros, mas também os seus próprios textos.

E é aqui que um outro conceito, o conceito de “constelação”, que Maria Irene Ramalho vai buscar a Walter Benjamin, se torna explicativo deste trabalho. Pois não é uma constelação algo que conseguimos ver a partir de um determinado *local* da terra que habitamos? De um outro *lugar* no espaço, as constelações não seriam vistas dessa maneira. As interrupções seriam certamente outras. E, mais, a luz que agora nos chega de determinadas estrelas demorou tanto tempo a chegar *aqui* que, muito provavelmente, algumas dessas estrelas já nem sequer existirão. A única coisa de que podemos falar é dessas imagens construídas pelo nosso olhar, a partir do local onde nos encontramos.

Diz MIR, com Benjamin, mas também com o Caeiro de “Poemas inconjunctos” em mente: “Na literatura comparada, o conceito de ‘influência’ é muito importante para o estudo e a teorização das relações entre poetas. A mim, todavia, parece-me hoje muito mais interessante e produtivo o conceito de constelação: ‘constelações de poetas/constelações de poemas’. Poetas ou poemas que não precisam de estar em contacto, ou em conjunção, para serem lidos como parte de uma mesma constelação.” (11).

É por isso, afirma a autora, que “Os ‘poemas sem conjunção’ de Caeiro são, por assim dizer, poemas fora da órbita do pastor-guardador-de-rebanhos, porém, parte ainda da mesma constelação” (11).

Partindo da “preocupação de colocar Pessoa num vasto contexto transnacional e interpoético” (13), o que me parece sobremaneira crucial nesta obra (e, de resto, em todo o trabalho de Maria Irene Ramalho) é a importância dada pela autora ao conceito

de *local*, demonstrando à evidência que só há universal se houver local. O universalismo da poesia e da arte não pode assentar em critérios impostos — ou pela autoridade do senso-comum, ou pela autoridade das e dos críticos — porque, tal como a História nos tem evidenciado, esses critérios dependem de uma lógica hegemónica e de um poder dominante. E, quando os críticos ou os poetas se declaram como neutrais e acima dessas questões, só podem fazê-lo por má-fé. Trata-se sempre, afinal, de conseguir uma maior autoridade — a da verdade mesma — para as suas conclusões.

O que me agrada particularmente na perspectiva assumida pela autora é que a sua escolha é de índole hermenêutica, mas também de índole política. Recusando qualquer perspectiva totalizante através do seu conceito de “interrupção poética” e optando por um universalismo fortemente dependente do localismo através do conceito de constelação, Maria Irene Ramalho consegue levar-nos a olhar Fernando Pessoa a partir de uma leitura fracturante que *situa* o poeta e que a *situa* a ela própria, a especialista de crítica literária. É assim que Fernando Pessoa, a partir do seu localismo, se faz verdadeiramente universalista na constelação a partir do local que o vê, a partir do local que é o da crítica e teórica literária da professora e ensaísta.

A questão passa depois a ser: afinal qual a constelação que se vê desse lugar? Não só a que implica uma teoria da influência, já reconhecida por muitos outros e outras e também pelo próprio Pessoa, em estrelas como — e, de novo, cito a autora de *Pessoa e Outros Fingidores* — “Horácio, Shakespeare ou Milton, os românticos ingleses e americanos ou os simbolistas franceses”, mas também uma constelação com muitas outras estrelas, estrelas como Goethe, Hölderlin, Whitman, Dickinson, Mallarmé, Verlaine, Rimbaud, Stevens, Crane, Kafka, Pound, Eliot, Celan, Duncan, Rich, etc. Sim, porque toda essa erudição, todo esse estudo e conhecimento de outras línguas e culturas, fazem parte do local de onde olha a americanista MIR.

Nessa constelação, como muito bem afirma, Pessoa começou a ser “repensado” (13). E, simultaneamente, continua a autora, conceitos pessoanos como “atlantismo, desassossego, interrupção, intersexualidade” começaram a fazer parte do local da sua leitura e/ou da sua perspectiva sobre outros poetas e outras poéticas de outras línguas, outras tradições literárias e outras culturas. Isso deve a crítica pessoana, mas também a poesia e a cultura portuguesas, a Maria Irene Ramalho. E, permitam-me dizê-lo, não lhe devem pouco!

A complexidade da sua leitura de Fernando Pessoa neste livro desdobra-se por temas tão diversos quanto a interrupção poética; a consciência poética; a doença como metáfora poética; Keats e o poema *Mensagem*; a relação entre Fernando Pessoa e Walt Whitman; Pessoa como inventor da semiperiferia; os heterónimos e a interrupção poética; a questão da inspiração em Pessoa e Stevens; o corpo/a sexualidade; o desassossego e o sujeito da modernidade; a questão da religião; a questão do olhar; a revista *Orpheu*, as mulheres e a guerra; e, finalmente, aqui publicado pela primeira vez, um ensaio-síntese sobre o pensamento da autora sobre Pessoa e uma conclusão sugestivamente intitulada “Constelando”. Muito haveria a dizer sobre a forma inovadora como cada um destes ensaios aborda Fernando Pessoa, mas, infelizmente, por questões de tempo, terei de me ficar por esta breve enumeração.

Concluo relembrando Robert Duncan, um dos meus poetas norte-americanos preferidos, que dizia que a relação entre filosofia e poesia era muito estreita e que diferença entre elas era apenas uma questão de prioridades: a filosofia tem como prioridade atingir a verdade, enquanto a poesia tem como prioridade brincar/jogar com formas da linguagem que nos servem de substituição para a verdade que não conseguimos alcançar. Nesse jogo, dizia ele, corre-se, contudo, o risco de, de vez em quando, termos um vislumbre da verdade.

A complexidade do pensamento de MIR aproxima-a da filosofia, mas, lidando com o jogo das formas da linguagem que a poesia é, ela consegue, diria eu, uma espécie de síntese na sua escrita. Na contracapa do livro, reaparece a frase de António Ramos Rosa. “O mundo não é o mundo sem a cintilante caligrafia das constelações”. Eu espero, por tudo o que venho de dizer, ter conseguido demonstrar o quanto o mundo pessoano, em particular, e o mundo da poesia, em geral, devem à a cintilante caligrafia de Maria Irene Ramalho.

Graça Capinha
(pub. JL, ano XLI, nº 1337, 29 Dez 2021-11 Jan 2022, p. 16-17)